

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – CAMPUS GV
INSTITUTO CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Jéssica Dias de Souza

**Caso de Ensino: Profissionalização da Curtição - Como Realizar Eventos Seguros e
Inclusivos no Ambiente Universitário**

GOVERNADOR VALADARES

2025

Jéssica Dias de Souza

**Caso de Ensino: Profissionalização da Curtição - Como Realizar Eventos Seguros e
Inclusivos no Ambiente Universitário**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus GV, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Mariana Luísa da Costa Lage

Governador Valadares

2025

Ficha catalográfica

Folha de assinaturas

Jéssica Dias de Souza

Caso de Ensino: Profissionalização da Curtição - Como Realizar Eventos Seguros e Inclusivos no Ambiente Universitário

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus GV, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Administração.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Mariana Luísa da Costa Lage - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus GV

Prof. Dra. Marina Oliveira Guimaraes
Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus GV

Prof. Dra. Amanda Ferrari Uceli
Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus GV

Dedico este trabalho às mulheres que mais admiro: minha mãe Elizabeth, minhas avós Ordália e Maria e minha Tia Rosana, fontes inesgotáveis de resiliência e inspiração.

Agradecimentos

Mais do que uma formalidade, este agradecimento é um gesto de reconhecimento àqueles que estiveram ao meu lado ou constantemente na minha lembrança durante este processo. Aos meus avós, Vó Ordália e Vô Zé (em memória), quero registrar meu orgulho em ter pertencido a família de vocês nessa vida.

À minha mãe Elizabeth, que mesmo à distância se fez presente todos os dias. Obrigada por mesmo quando as circunstâncias pareciam desanimadoras demonstrar que você acreditava em mim. Sua história é algo que me inspira e me encoraja e sua fé em Deus e na vida, por vezes me fizeram enxergar meus desafios de uma forma mais esperançosa.

Ao Rod, meu leal companheiro, minha principal rede de apoio, incentivo e amor. Obrigada por secar minhas lágrimas, por sorrir comigo e me dar a sorte de viver um relacionamento que eu nem sabia que era possível, amo o que construímos juntos e sou grata pelo seu apoio até aqui.

Aos queridos e grandes amigos Alison, Rafael e Johnny, que trabalharam comigo quando eu nem sequer poderia pagar por isso, eu sou muito grata e feliz de ter os encontrado no caminho. Ao meu amigo Léo, que me incentivou e custeou diversas sessões de psicoterapia e através disso eu consegui superar uma das fases mais desafiadoras que já passei, muito obrigada pela amizade e acolhimento. À minha amiga Carlandresa, que foi um apoio fundamental no retorno às atividades acadêmicas após a pandemia. Sua generosidade ao me receber em sua casa e sua disposição para colaborar no primeiro grande evento após-isolamento foram gestos que marcaram profundamente minha trajetória e principalmente por me lembrar que eu não estava só. Ao Webert Arão que tanto me ajudou e me ensinou sobre diversidade e inclusão durante os eventos.

À Mariana, que além de amiga, me orientou neste trabalho, se tornou uma grande confidente nas superações da vida real, me validou, me lembrou que este lugar na universidade também me pertencia mesmo que por vezes eu pensasse que não.

Aos meus sócios Marcos, Paulão, Fernando e Everaldo, com quem tive a honra de construir um dos projetos dos quais mais me orgulho, o Boteco Federal.

Por fim, sou grata ao sistema de cotas que me possibilitou ingressar na universidade, sendo a terceira pessoa da minha família a buscar um curso superior e a primeira a concluir um curso superior (ufa!) em uma universidade pública.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CASO DE ENSINO: PROFISSIONALIZAÇÃO DA CURTIÇÃO - A PRODUÇÃO DE EVENTOS SEGUROS E INCLUSIVOS NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO | 8 |
| NOTAS DE ENSINO | 12 |
| Resumo | 12 |
| Objetivos Educacionais | 12 |
| Orientações para aplicação do caso em sala de aula | 13 |
| Análise do caso | 14 |
| Pintando a cara da universidade de povo: um fenômeno dos últimos vinte anos | 14 |
| A importância das festas universitárias | 16 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 24 |

CASO DE ENSINO: PROFISSIONALIZAÇÃO DA CURTIÇÃO - A PRODUÇÃO DE EVENTOS SEGUROS E INCLUSIVOS NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Dandara tem 25 anos, é uma mulher negra de pele clara, estudante do 4º período de Administração em uma universidade federal, a qual ingressou através do sistema de cotas estudantis de raça e renda. Dandara inicia durante a graduação um negócio com outros dois amigos universitários: a produção de eventos. Com isso se vê diante de um grande desafio: planejar, produzir e gerenciar a experiência de estudantes tão diversos, imersos em uma experiência de entretenimento que envolve além de suas próprias descobertas, um relacionamento - ainda que de apenas um dia - com todo um ecossistema de prestadores de serviço.

A História de Dandara

Dandara nasceu em uma família com poucos recursos, numa cidade do interior de Minas Gerais, foi a segunda pessoa de sua família a ingressar em uma universidade e a primeira a ingressar em uma universidade pública. Aos 16 anos, ela ingressou no mercado de trabalho como auxiliar de consultório odontológico, depois foi secretária e vendedora. Ao ingressar na universidade em outra cidade, ela precisou se reinventar: encontrar um trabalho no tempo que lhe restasse após as aulas e ganhar algum dinheiro que custeasse sua permanência na cidade para a conclusão dos estudos.

Dandara, que tem um pai pedreiro e uma mãe empregada doméstica, viu nas faxinas uma oportunidade de levantar algum dinheiro de forma mais imediata, e assim seguia, limpando apartamentos de outros estudantes até que, junto de dois amigos também estudantes, decidiu empreender e iniciaram um negócio: um bar universitário. Não durou muito até que Dandara e seus sócios encerrassem as atividades do bar, devido às exigências feitas por órgãos de fiscalização, as quais os estudantes empreendedores não conseguiam realizar, principalmente pela falta de capital social.

Após encerrarem as atividades deste bar, veio a grande ideia: realizar eventos esporádicos em locais que já atendessem às exigências dos órgãos fiscalizadores e continuasse como ponto de encontro daqueles estudantes. Assim, onde produziriam os entretenimentos que eles mesmos

sentiam falta, em um ambiente que pudessem estar seguros e se divertirem sem constrangimentos.

Experiências de Dandara enquanto consumidora em outros eventos

Dandara já havia presenciado algumas situações as quais julgava como inadmissíveis, sendo a primeira delas em uma boate da cidade onde ela os amigos Lucas e Rodrigo foram rispidamente repreendidos por um profissional da segurança após terem demonstrado afeto em público, quando trocaram um beijo enquanto se abraçavam na pista de dança.

Noutra ocasião, durante uma festa promovida para receber os novos estudantes, a qual chamavam de “recepção de calouros e calouras”, a própria Dandara teve suas partes íntimas tocadas por um rapaz durante a festa - e ao procurar pela segurança e relatar o ocorrido, não obteve apoio. Por se sentir insegura de permanecer no local, resolveu voltar pra casa, antes mesmo de assistir ao show da banda que ela gostava.

Em um evento comemorativo durante a prática de jogos universitários, Carol, uma jovem negra retinta, estudante de nutrição e amiga de Dandara, relatou ter sofrido uma revista severa e invasiva, diferente das que assistiu enquanto estava na fila de entrada, com moças brancas, em sua maioria, entre outras de peles claras. Carol relatou para Dandara que além de ter sido a única que precisou tirar os sapatos e abrir a bolsa, também tinha sido a única a ter seus cabelos tocados e despenteados durante a revista. Enquanto guardavam os itens pessoais da Carol após a revista, ela continuou observando a fila e concluiu que a diferença da abordagem se dava de acordo com a cor da pele de cada menina que por ali passava.

A produção de eventos sob a perspectiva de Dandara

A produção de eventos universitários, sob a perspectiva de Dandara, uma estudante de Administração, empreendedora, sem rede de apoio familiar e sem disponibilidades financeiras para arcar com o negócio de forma confortável, revela uma série de desafios complexos que vão além da simples organização de festas. Para ela, planejar e comandar eventos que atendessem a centenas de estudantes significava lidar com uma multiplicidade de preocupações, desde o planejamento estratégico, até a execução e pós-produção, tudo isso enquanto equilibrava sua vida acadêmica e enfrentava as barreiras impostas por sua condição de mulher negra de pele clara em ambientes majoritariamente ocupados por homens e ainda muito marcado por desigualdades.

O processo de produção de um evento começava com reuniões de planejamento, nas quais Dandara e sua equipe, que era formada por seus sócios e amigos próximos, definiam a temática do evento, as parcerias, local e o formato do evento. Essas reuniões eram essenciais para alinhar expectativas e distribuir tarefas, mas também exigiam uma visão estratégica para antecipar possíveis problemas. Dandara precisava pensar em diversas áreas simultaneamente: a logística do local, a contratação de serviços terceirizados (como segurança, som e iluminação), a compra de bebidas e comidas, e a obtenção de documentos como alvarás, entre outras autorizações exigidas pelos órgãos públicos. Cada etapa demandava atenção aos detalhes, pois qualquer falha poderia comprometer o sucesso do evento.

Um dos maiores desafios era a falta de recursos financeiros. Sem dinheiro em caixa, Dandara precisava ser criativa para viabilizar os eventos. Isso incluía negociar parcerias com atléticas universitárias, que muitas vezes forneciam apoio logístico ou divulgação em troca de uma porcentagem e condições especiais nas compras de ingressos para os e as estudantes. Em adição, buscava parcerias com fornecedores de bebidas e alimentos, oferecendo visibilidade em troca de descontos ou pagamentos posteriores. Essas negociações exigiam habilidades de comunicação e persuasão, além de uma capacidade de gestão financeira para garantir que os custos não ultrapassassem a receita gerada e, para tal, contava com apoio de seus sócios que tinham boas relações na cidade e experiências profissionais anteriores que ajudaram e muito o negócio.

A contratação e instrução das equipes também era uma tarefa delicada. Dandara lidava com uma mão de obra temporária, composta por estudantes *freelancers* e profissionais terceirizados. Paralelamente ela precisava garantir que todos estivessem cientes dos protocolos de segurança e atendimento ao público, especialmente em situações de conflito mas nem sempre conseguia ter conversas mais detalhadas com as equipes, fazendo instruções por textos e enviando por aplicativo de mensagens ou fazendo um apanhado geral pessoalmente, alguns minutos antes do evento começar.

Outro aspecto desafiador era o desgaste físico e mental de conciliar a produção dos eventos com a vida universitária. Dandara precisava estar presente nas aulas, cumprir prazos de trabalhos e estudar para as provas, ao mesmo tempo em que coordenava reuniões, resolvia imprevistos e supervisionava a execução dos eventos. Essa sobrecarga afetava seu desempenho acadêmico, visto o tamanho tempo tomado por pensar nas atividades que precisava cumprir, bem como conciliar todos os horários de trabalho com estudos, resultando em reprovações ou notas abaixo

do esperado. Para uma mulher com as características físicas e sociais, esses desafios eram ainda mais intensos, pois ela enfrentava estereótipos e preconceitos que questionavam sua capacidade de liderança e empreendedorismo com muita frequência. Tudo isso a levava a pensar em desistir do negócio, mas ao mesmo tempo suas necessidades financeiras para permanecer na cidade eram urgentes e encontrar um trabalho fixo sendo uma estudante de um curso integral era mais complicado.

Em resumo, a produção de eventos universitários sob a ótica de Dandara revela uma trajetória marcada por desafios financeiros, logísticos e sociais. Seu exemplo ilustra a complexidade de empreender no ambiente universitário, especialmente para uma mulher negra que precisava equilibrar múltiplas responsabilidades enquanto lutava por reconhecimento e espaço em um cenário ainda desigual. No entanto, um dos maiores desafios de Dandara era garantir que os valores de inclusão e acolhimento, tão importantes para ela, fossem replicados por toda a equipe e vivenciados pelo público durante os eventos. Ela enfrentava dificuldades em atender a diversidade de pessoas presentes, desde estudantes até os profissionais contratados, muitos dos quais não estavam alinhados com suas práticas inclusivas. Frequentemente, Dandara se deparava com situações muito similares às que já havia presenciado em outros eventos: casos de racismo, sexismo, LGBTQIAP+fobia e assédio, tanto entre o público quanto nas relações entre os trabalhadores e os participantes. Essas experiências reforçaram a grande questão e também desafio central de Dandara: **como fazer com que seus eventos fossem diferentes em relação à inclusão e ao acolhimento?** Assim, ela reflete: **Quais os principais desafios que Dandara poderá enfrentar para realizar eventos mais seguros e inclusivos para os e as estudantes, considerando o racismo, sexismo e LGBTQIAP+fobia? Como lidar com as equipes de trabalho? O que fazer para prevenir casos de assédios, discriminação e outras violências no evento e o que fazer a ao receber a denúncia e após evento?**

NOTAS DE ENSINO

Resumo

O presente caso de ensino propõe aos estudantes e profissionais a necessidade de se discutir práticas gerenciais inclusiva na gestão de eventos universitários. O caso, através do exemplo de Dandara, uma estudante e produtora de eventos, traz reflexões de como os gestores podem se preparar para lidar com o racismo, sexismo e de LGBTQIAPN+ fobia em eventos. As situações relatadas neste caso são baseadas em fatos reais e com traços fictícios para preservar a imagem dos envolvidos. As notas de ensino trazem o contexto da universidade e dos eventos universitários, bem como questões a serem discutidas em sala de aula, proporcionando um exercício prático de gestão.

Palavras-chave: Gênero; raça; assédio; produção de eventos; diversidade.

Objetivos Educacionais

Sensibilizar estudantes e profissionais para a importância de se discutir elementos estruturais da nossa sociedade, como o racismo, sexismo e de LGBTQIAPN+ fobia; pensar práticas organizacionais inclusivas, considerando todos os processos do evento, ou seja, desde o planejamento até o pós-evento; e demonstrar os desafios de uma gestora em lidar com situações que envolvam situações de sexismo, racismo, LGBTQIAPN+fobia durante o evento, demarcando a experiência do usuário e apresentando alternativas e possibilidades gerenciais para lidar com estas ocorrências. Assim, o caso deve estimular a reflexão sobre práticas de gestão, treinamento de equipes e protocolos para lidar com situações de assédio e outras violências neste sentido.

Fonte de dados e Metodologia

Um estudo de caso usado para o ensino consiste numa triangulação de pessoas, eventos e circunstâncias que espelham a vida real, na qual as decisões são tomadas e as conclusões feitas a partir das informações que se tem, a partir de inclinações ideológicas e informações que se tem no texto. Assim, o caso de ensino é uma forma estruturada para revelar desafios e oportunidades gerenciais que podem auxiliar em situações similares (GRAHAM, 2010). Considerando a

tipologia de estudos de caso, pode-se dizer que este é um evento, ou seja, oferece alguns detalhes sobre um evento específico, podendo ser real ou construído e concebido para mostrar as soluções e lições aprendidas.

Os dados para elaboração do caso foram obtidos por meio de observação de campo, conversa com profissionais da área, notícias de jornais e revistas digitais e físicas. Sendo assim, o caso é inspirado em dados reais, com adaptações fictícias para o caso de ensino. Destaca-se que a pesquisadora/discente que desenvolveu esse caso atua há 9 anos no ramo de promoção de festas e eventos estudantis na cidade de Governador Valadares-MG.

A abordagem se concentrou na análise teórica e prática, trazendo uma visão abrangente para o fenômeno em questão. Portanto, a metodologia qualitativa aplicada na observação focou em acompanhar os eventos, os desafios e as tomadas de decisões colocadas no contexto dos eventos universitários a partir da experiência acadêmica e profissional, advindas do referencial teórico estudado.

Utilização recomendada

Entendendo a atualidade do assunto proposto, este caso de ensino é recomendado para estudantes (seja de graduação ou pós-graduação) e profissionais interessados em aprimorar sua compreensão sobre interseccionalidade, diversidade e empreendedorismo. Assim, pode ser utilizado em disciplinas e cursos voltados aos estudos sociais, empreendedorismo, estratégia, operações e logística e gestão de pessoas. Além disso, recomenda-se a utilização em questões que envolvam a diversidade e discussões estratégicas sobre planejamento e gestão de eventos universitários.

Orientações para aplicação do caso em sala de aula

Para um resultado proveitoso, sugere-se a aplicação do caso de ensino posterior à apresentação das teorias em sala de aula. Logo após, orienta-se:

1 - Momento leitura: inicie a aplicação do caso contextualizando-o de forma clara, explicando o objetivo a ser alcançado. Apresenta brevemente os temas que serão abordados e destaca sua

relevância para o desenvolvimento do caso. Para garantir uma compreensão aprofundada, reserve um tempo de leitura de cerca de 10 minutos.

2 - Discussão coletiva: Após a apresentação do caso, divida os estudantes em grupos e promova um momento de reflexão, incentivando os alunos a analisarem os diversos aspectos enfrentados pela gestão do evento. Estimule uma reflexão profunda sobre as barreiras estruturais, sociais e culturais que afetam a experiência dos usuários de festas universitárias que compõem os grupos marginalizados pela sociedade. Incentive a troca de ideias e diferentes perspectivas entre os grupos.

3 - Respondendo às questões: Após esse momento de reflexão, reserve 20 minutos para que os alunos possam responder às questões propostas.

4 - Debate das questões e Recomendações: Conclua com a dinâmica de roda de conversa, incentivando os alunos a apresentarem suas respostas e a proporem estratégias com base no contexto apresentado. O objetivo é estimular uma reflexão crítica e criativa, levando em consideração os desafios e as oportunidades identificadas durante a análise do caso.

Análise do caso

Serão apresentados os principais conceitos que envolvem o caso usando referências bibliográficas.

Pintando a cara da universidade de povo: um fenômeno dos últimos vinte anos

A expansão do acesso ao ensino superior no Brasil passou por uma série de políticas implementadas pelo governo federal nos anos 2000. Para as universidades públicas, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) foi criado em 2007 com o principal objetivo de ampliar o acesso e a permanência dos estudantes de baixa renda em cursos superiores (MEC, 2010).

Para as instituições privadas, duas políticas foram criadas: o Prouni e o Fies. O primeiro, criado em 2004, o Programa Universidade para Todos (Prouni), oferta bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específicas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2025b). Já o segundo, criado em 2001, o Fundo de Financiamento Estudantil

(FIES), é um programa que tem como objetivo conceder financiamento a estudantes em cursos superiores de baixa renda (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2025a).

Ademais, deve-se destacar o advento das ações afirmativas nas universidades públicas com a finalidade de como importantes contribuições para a mudança deste cenário. Ação afirmativa pode ser considerada “todo programa, público ou privado, que tem por objetivo conferir recursos ou direitos especiais para membros de um grupo social desfavorecido, com vistas a um bem coletivo” (FERES JÚNIOR *et al.*, 2018, p. 13). As cotas, uma das possibilidades de ação afirmativa, pretendem reservar postos para pessoas vulneráveis de grupos como etnia, raça, classe, ocupação, gênero e outros grupos que foram historicamente marginalizados. Assim, cotas sociais e raciais, para pessoas com deficiências, pessoas indígenas e quilombolas, bem como pessoas transgêneros, tornaram-se realidades nas universidades públicas no Brasil. Por fim, não menos importante, as novas diretrizes curriculares impostas pela obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira demarcam uma nova forma como o Estado lida com questões sociais e de grupos étnico-raciais discriminados (BELLO, 2025). Assim, segundo o Censo da Educação 2022, a população preta e parda, por exemplo, de 25 anos ou mais com ensino superior completo se quintuplicou no Brasil desde 2000, apesar da população branca ainda ser a maioria (BELLO, 2025).

Não obstante, as instituições, assim como as universidades e os demais espaços educacionais, acabam por reproduzir as práticas estruturais que mantêm as desigualdades raciais, de gênero e de sexualidade, seja pelas ações explícitas de preconceito, seja pela manutenção dos privilegiados e de seus discursos (ALMEIDA, 2019; FIGUEIREDO; GROSGOUEL, 2009; KILOMBA, 2010).

Em relação ao gênero, pode-se conceituar o sexismo como avaliações negativas e atos discriminatórios dirigidos às mulheres, em função de sua condição de gênero (FERREIRA, 2004), apontando vestígios do patriarcado e da cultura falocêntrica (BUTLER, 2003; SMIGAY, 2002). Já o racismo, pode ser entendido como uma forma sistemática de discriminação, incluindo relações políticas, jurídicas e econômicas, que tem a raça como fundamento e que se manifesta nas práticas conscientes e inconscientes que se desdobram em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial (ALMEIDA, 2019; BENTO, 2002; CARDOSO, 2010; TATE; PAGE, 2018). Por fim, tem-se que LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan, Não-binárias e mais. A

LGBTQIAPN+ fobia é um termo utilizado para descrever a aversão, discriminação, preconceito e violência de pessoas LGBTQIAPN+, ou seja, tendo como a ameaça ou rompimento da cis-heteronormatividade (MENEZES; IRINEU, 2024).

Para além das categorias acima, é importante destacar a interseccionalidade. A interseccionalidade pode ser considerada uma categoria analítica que permite compreender como as desigualdades sociais se interconectam e se reforçam, revelando os processos de opressão (COLLINS; CHEPP, 2013; CRENSHAW, 2002). Assim, é possível entender como algumas categorias se conectam: gênero e raça, raça e sexualidade, gênero e sexualidade, etc. Vale destacar que muitas outras violências poderiam ser aqui destacadas nesse estudo, como capacitismo, classismo, etarismo, dentre outros. Porém, para fins heurísticos e didáticos, optou-se por explorar apenas três categorias identitárias, ainda que de maneira interseccional.

Finalizando, para além de reconhecer que as organizações têm sofrido pressões para práticas mais éticas, é destacável que a ampliação do número de jovens diversos também culminou numa crescente politização dos espaços universitários, demandando maior debate sobre as temáticas raciais, de gênero e sexualidade nas instituições (FERES JÚNIOR *et al.*, 2018) e cobrança por práticas mais inclusivas em todas as organizações que permeiam os espaços universitários.

A importância das festas universitárias

Há quem pense que os eventos universitários se restringem aos eventos acadêmicos e seu público apenas aos estudantes e atores ligados à universidade, como professores, alunos e técnicos administrativos. A produção de eventos universitários vai além, agrega entretenimento através de como calouradas, festivais culturais, shows, apresentações musicais, jogos universitários, por exemplo com pessoas para além da universidade, fomentando trocas mais ricas entre pessoas que já não são mais estudantes ou ainda sequer entraram na universidade. As festas ganham sua dimensão de expressão cultural na medida em que contribuem para transpassar a relação entre colegas de curso, de instituição, tornando-se pontos de encontro tradicionais em eventos feitos por e para os alunos (JORNALECA, 2023). Em adição, pesquisadores apontam a experiência das festas universitárias como importantes oportunidades de desenvolvimento de atividades empreendedoras, estimulando experienciar vivências organizacionais a partir da conexão com as práticas no mercado de trabalho (MOTTA; CORÁ; MOLA, 2019)

Por vezes, essas festas são organizadas por estudantes ou entidades estudantis, mas o contexto tem chamado a atenção de empresas de eventos, que atuam em parceria com os membros da comunidade universitária. Nestes casos, as festas ganham maior proporção, culminando naquilo que foi considerado a “profissionalização da curtição” (MENGELLE; VIEIRA, 2022). Assim, para além do setor de bebidas, as festas movimentam o ramo de transporte por aplicativos, hospedagens, vendedores ambulantes, restaurantes e lanchonetes por toda a cidade, demarcando toda uma movimentação econômica local.

De certo, a expansão do ensino superior do país, que aumentou o número de vagas, acaba também por impactar no número de eventos universitários. No entanto, destaca-se que o crescimento do número de vagas com programas como o Reuni, Prouni e FIES fazem com que o público da universidade se tornasse mais diverso e, por conseguinte, das festas universitárias também. E é aí, tendo que lidar com o outro, com o diverso, que acontecem as manifestações da discriminação, assédios e violências. Para exemplificar, alguns casos na mídia sobre eventos universitários:

- Em 2008, Casal gay foi expulso de festa da USP porque se beijavam e registram queixa (G1, 2008);
- Em 2010, um panfleto feito por estudantes da USP dizia: "Jogue merda em um viado, que você receberá, totalmente grátis, um convite de luxo para a Festa Brega 2010" (FOLHAPRESS, 2010);
- Em 2016, campanha para combater o assédio chegou às festas universitárias em Florianópolis (BISPO, 2016);
- Em 2018, estudante trans foi agredida em festa e, ao fazer B.O., revistada e detida pela polícia de Goiás (VASCONCELOS; SALES, 2018)
- Em 2022, denúncias que acusam estudantes moradores de repúblicas da prática de racismo em festa à fantasia com uso de blackface (UFOP, 2022);
- Em 2024, estudantes do curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo gritaram ofensas racistas para estudantes negros da Universidade São Paulo (USP) durante uma partida de handebol (SPONTON, 2024);

Por fim, em termos de estudos no campo da administração, pesquisadores apontam uma carência de publicações sobre as festas universitárias e, ainda assim, as festas são majoritariamente estudadas pela ótica do comportamento do consumidor, tendo poucos estudos e reflexões sobre como as festas universitárias e os espaços de lazer são reprodutores de discursos dominantes (NADER *et al.*, 2023).

Resposta das questões propostas

1 - Quais os principais desafios que Dandara poderá enfrentar para realizar eventos mais seguros e inclusivos para os e as estudantes, considerando o racismo, sexismo e LGBTQIAP+fobia?

A questão servirá para entender até que ponto o aluno ou profissional sabe dos desafios que permeiam a organização de um evento universitário por si e considerando a diversidade de pessoas que compõem o público-alvo e as equipes contratadas.

Dandara poderá enfrentar uma série de desafios devido à combinação de fatores ligados à sua própria condição de mulher, em um cargo de liderança, dentro de um mercado ocupado por maioria masculina. Entre outros obstáculos causados pela própria complexidade de produção de eventos em si, destacam-se:

- **Desafio de conciliar sua vida acadêmica e profissional:** Dandara enfrentará a pressão por resultados rápidos e reconhecimento de seu trabalho em um ambiente marcado por desigualdades. Como uma mulher negra, ela pode ser subestimada ou questionada em sua capacidade de liderança, o que pode dificultar a obtenção de apoio e recursos, além da sua saúde mental em manter-se firme em busca dos seus objetivos. Da mesma forma, ela precisará equilibrar a organização dos eventos com sua vida acadêmica, o que pode gerar tamanha sobrecarga e impactar no seu desempenho. Para superar estes desafios, Dandara precisará demonstrar resiliência, planejamento estratégico e uma visão clara de seus objetivos.
- **Dificuldade em transformar o público tão diverso em aliado na necessidade do respeito e acolhimento às diferenças:** Dandara enfrentará o desafio de atender a um público extremamente diverso, composto por estudantes de diferentes gêneros, raças,

orientações sexuais e classes sociais. Cada grupo tem necessidades e expectativas específicas e garantir que todos se sintam incluídos e respeitados exigirá um planejamento cuidadoso. Ela precisará investir em pesquisas para entender o perfil do público, além de criar estratégias de comunicação e acolhimento que contemplem essa diversidade.

- **Dificuldade em garantir a sustentabilidade do modelo de eventos inclusivos:** Dandara precisará documentar seus processos, compartilhar aprendizados e buscar parcerias que permitam expandir sua iniciativa, transformando-a em um modelo de referência para a promoção de ambientes seguros e inclusivos.
- **Conflitos geracionais entre trabalhadores terceirizados (como seguranças, por exemplo) e público presente:** lidar com conflitos entre o público e a equipe do evento, especialmente em situações onde ocorram comportamentos discriminatórios. Dandara precisará garantir que sua equipe esteja preparada para intervir de forma assertiva e educativa, sem escalar à violência. Além disso, ela terá que criar mecanismos de denúncia e acolhimento.
- **Dificuldade de conseguir apoio integral de órgãos públicos:** dificuldade para realização dos eventos, como lidar com os órgãos fiscalizadores, considerando que parte dos profissionais dessas instituições são formados em sua maioria por pessoas cis, brancas e heterossexuais. Para lidar com esse desafio, Dandara deve garantir que todos os documentos necessários para a realização do evento estejam em ordem, como alvarás, licenças e seguros. Além disso, ela pode adotar práticas de transparência, como divulgar publicamente os protocolos de segurança e inclusão adotados no evento, demonstrando seu compromisso com a legalidade e a responsabilidade social.
- **Falta de recursos financeiros:** um desafio significativo para Dandara, especialmente quando se trata de implementar medidas de segurança e inclusão. Contratar equipes bem treinadas (ou treiná-las) e garantir infraestrutura adequada exigem investimentos que podem não estar disponíveis. Dandara precisará buscar parcerias com Atléticas Universitárias, Coletivos, marcas e empresas que tenham valores similares e claro, interesse em exporem suas atividades para o público universitário. Além disso, pode explorar alternativas criativas, como a venda de ingressos antecipados, a realização de eventos menores para arrecadar fundos e a captação de recursos através de editais

culturais que possibilitem a realização das atividades ou que possam custear ao menos parte delas.

2 - Como lidar com as equipes de trabalho?

A questão servirá para entender até que ponto o aluno ou profissional sabe dos desafios que permeiam a gestão da mão de obra contratada para realizar as atividades necessárias para que eventos nos inclusivos e acolhedores possam ocorrer.

Como muitos dos colaboradores são prestadores de serviços *freelancers* ou estudantes que trabalham apenas no dia do evento, Dandara enfrentará o desafio de treinar equipes temporárias em um curto espaço de tempo e isso implicará em desafios. Dentre eles, destacam-se:

- **Falta de Recursos para Treinamentos:** Investir em treinamentos para a equipe pode ser caro, especialmente para eventos com orçamentos limitados. Dandara pode enfrentar dificuldades em arcar com os custos de capacitação, o que pode comprometer a qualidade do serviço oferecido. Para superar isso, ela poderá buscar parceiros e a princípio desenvolver seus próprios treinamentos, criando materiais educativos com instruções para situações mais corriqueiras.
- **Resistência à mudança:** Alguns membros da equipe, especialmente os mais experientes ou de gerações anteriores, podem resistir às mudanças propostas por Dandara. Por exemplo, seguranças podem achar desnecessário intervir em situações de assédio ou discriminação, enquanto *bartenders* podem não entender a importância de tratar todos os clientes com igual respeito. Dandara precisará lidar com essa resistência, seja através de diálogo, sensibilização ou, em casos extremos, substituição de profissionais que não se adequem aos valores do evento.
- **Dificuldade em monitorar comportamentos:** Durante o evento, Dandara pode enfrentar dificuldades em monitorar o comportamento de todos os membros da equipe, especialmente em áreas mais movimentadas, como bares e pistas de dança. Profissionais mal preparados podem ignorar situações de violência ou discriminação, ou até mesmo agir de forma inadequada com o público. Para evitar isso, Dandara precisará designar supervisores ou líderes de equipe para monitorar as atividades e intervir quando necessário.

- **Desgaste e Rotatividade de Equipe:** Trabalhar em eventos pode ser desgastante, especialmente em funções como segurança ou *bartender*, que exigem longas horas de trabalho e lidam diretamente com o público. A rotatividade de equipe pode ser alta, e Dandara precisará garantir que os profissionais estejam motivados e bem preparados para lidar com as demandas do evento. Isso pode incluir oferecer condições de trabalho adequadas, como intervalos regulares e suporte emocional.
- **Dificuldade em Garantir a Privacidade das Vítimas:** Em situações onde uma vítima de assédio ou discriminação busca ajuda, a equipe pode não saber como agir de forma discreta e respeitosa. Dandara precisará garantir que a equipe saiba como conduzir o acolhimento de forma sigilosa e empática, direcionando a vítima para um espaço reservado.

3 - O que fazer para prevenir casos de assédios, discriminação e outras violências no evento e o que fazer a ao receber a denúncia e após evento?

A questão servirá para entender até que ponto o aluno ou profissional consegue pensar em estratégias para lidar de maneira eficaz na prevenção ou na gestão das estratégias caso ocorram as práticas discriminatórias ou de assédio.

Para prevenir e lidar com situações de assédio e violência em eventos, uma alternativa seria a implementação de um Espaço de Apoio e Segurança (Tenda), uma tenda de atendimento ao consumidor daquele evento, um local dedicado ao acolhimento, suporte e encaminhamento de vítimas e testemunhas de violências, como discriminação racial, assédio sexual, LGBTQIAP+fobia e outras formas de agressão às devidas providências. Para isso, faz-se necessário formar uma equipe especializada composta por profissionais de áreas diversas que estejam dispostos a trabalhar com o encaminhamento e resoluções destas questões. Dentro os desafios para implantar um espaço como este, destacam-se:

- **Nomear uma liderança para dirigir as ações do espaço e formar uma de uma equipe multidisciplinar para atuação neste projeto:** Não será uma tarefa fácil, mas, conjuntamente de Dandara, essa pessoa dará apoio na busca por auxílio de professores e alunos voluntários, pesquisadores da universidade, extensionistas e ativistas de coletivos

da cidade que atuem no combate a essas violências. Dentre os envolvidos será imprescindível a presença de profissionais e estudantes de áreas como Psicologia, Direito e Comunicação, além de contar com profissionais da segurança do próprio evento para garantir a integridade física dos voluntários durante o desempenho de suas atividades.

- **Estruturar este projeto de acolhimento em sua forma organizacional:** É fundamental entender o perfil dos participantes do evento mas não só, é preciso também entender a estrutura do local e profissionais envolvidos naquele evento em questão. Para entender o espaço físico, visitas técnicas serão essenciais para definir tamanho, localização e necessidades prévias para implantação do espaço. Ademais, o espaço deve ser planejado para garantir a privacidade e a descrição no atendimento às vítimas, evitando a exposição de sua vulnerabilidade. Essa medida visa minimizar os impactos psicológicos adversos, prevenindo a intensificação do sofrimento emocional e a possibilidade de desencadeamento de gatilhos tanto na vítima quanto em eventuais testemunhas da situação.

Para entender o público do evento, pesquisas, entrevistas e análise de dados ajudarão os profissionais envolvidos a identificar as preocupações dos participantes sobre segurança bem como as necessidades da própria gestão em relação às questões de discriminações e assédios. Dados como as expectativas e experiências anteriores desses indivíduos e os canais de comunicação que essas mas utilizam também serão informações valiosas para o engajamento do público na construção deste espaço.

- **Equipe da Tenda de Atendimento em conjunto com a produção desde o planejamento:** Quanto mais as equipes da Tenda e Produção estiverem envolvidas em todas as partes desde o início das atividades de planejamento mais chances de sucesso. A publicidade do evento tem um papel importantíssimo e poderá de forma criativa desenvolver materiais educativos sobre as práticas discriminatórias que possam dar visibilidade ao projeto, bem como a ampla divulgação da presença do espaço e dos profissionais como ponto de apoio para quem sofre alguma violência durante o evento.
- **Equipe da Tenda de Atendimento como aliada no desenvolvimento do treinamento educativo e instrutivo para lidar com as situações de discriminação, assédio e outras violências:** Desde as pessoas da própria equipe da Tenda, quanto os e as seguranças, fornecedores, equipe técnica e demais profissionais que por ventura forem contratados,

precisam receber as orientações sobre o que é ou não permitido e como para aquela contratante é importante que esses valores sejam atendidos de forma rigorosa. A intenção é que todos tornem-se aptos a identificar e abordar de maneira acolhedora e segura as pessoas que por ventura enfrentarem alguma situação adversa que comprometa sua experiência das pessoas ou as coloque em algum risco físico ou emocional naquele ambiente.

- **Equipe da Tenda Atuando em várias frentes:** Além de atuar como um espaço de acolhimento e coleta de denúncias, esse projeto pode desenvolver um papel educativo fundamental na conscientização e prevenção da violência. Durante o evento, distribuição de materiais informativos, realização de jogos e dinâmicas educativas com as temáticas em questão são opções interessantes para engajamento do público jovem.
- **Atividades após evento:** O suporte oferecido pelo espaço não deve ser limitado ao período do evento. O acompanhamento pós-evento pode garantir que as vítimas busquem apoio psicológico e jurídico. A equipe pode indicar instituições sociais gratuitas, núcleos de práticas jurídicas ou clínicas universitárias que possam apoiar vítimas em momentos de tamanha fragilidade. Desta forma, a iniciativa não apenas responde a ocorrências pontuais, mas também fomenta uma mudança de rigor cultural e social.
- **Sustentabilidade Financeira do Espaço a longo prazo:** a iniciativa inevitavelmente vai necessitar de investimentos financeiros então uma opção após a estruturação deste projeto e implementação dos testes nos eventos de Dandara, a equipe da Tenda poderá realizar os ajustes necessários e implementar melhorias. A partir disso, arrecadar fundos com treinamentos para outros eventos e organizações, palestras e *workshops* sobre diversidade e inclusão, além de buscar doações e parcerias com empresas, órgãos públicos e universidades para agregar ao projeto. A Tenda não precisa se limitar aos eventos de Dandara, podendo ser replicado em outros eventos universitários e organizações que se interessem por ambientes mais acolhedores e inclusivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BELLO, L. Censo 2022: proporção da população com nível superior completo aumenta de 6,8% em 2000 para 18,4% em 2022. **Agência IBGE**, 26 fev. 2025. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42742-censo-2022-proporcao-da-populacao-com-nivel-superior-completo-aumenta-de-6-8-em-2000-para-18-4-em-2022>>. Acesso em: 8 mar. 2025.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25–58.

BISPO, Fábio. Campanha para combater assédio chega às festas universitárias da Grande Florianópolis. **Ndmais**, Florianópolis, jul. 2016. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/noticias/campanha-para-combater-assedios-chega-as-festas-universitarias-da-grande-florianopolis/>>. Acesso em: 8 mar. 2025.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, L. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev.latinoam.cienc.soc**, v. 8, n. 1, p. 607–630, 2010.

COLLINS, P. H.; CHEPP, V. Intersectionality. In: WAYLEN, G. et al. (Org.). **The Oxford Handbook of Gender and Politics**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 1–36.

CRENSHAW, K. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, p. 7–16, 2002.

FERES JÚNIOR, J. et al. **Ação afirmativa: conceito, história e debates**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FERREIRA, M. C. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 119–126, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 12 mar. 2025.

FIGUEIREDO, Â.; GROSFOGUEL, R. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Sociedade e Cultura**, v. 12, n. 2, p. 223–234, 2009.

FOLHAPRESS. Panfleto contra gays na USP será investigado pela polícia. **Gazeta do povo**, 26 abr. 2010. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/panfleto-contra-gays-na-usp-sera-investiga-do-pela-policia-177g4hu9c0v2itl8cfguj01n2/>>. Acesso em: 8 mar. 2025.

G1. Casal gay é expulso de festa da USP e registra queixa. 29 out. 2008. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL841056-5605,00-CASAL+GAY+E+EXPULSO+DE+FESTA+DA+USP+E+REGISTRA+QUEIXA.html>>. Acesso em: 8 mar. 2025.

GRAHAM, A. **Como escrever e usar estudos de caso para ensino e aprendizagem no setor público**. Brasília: ENAP, 2010.

JORNALECA. USParties: as diferentes festas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.usp.br/cje/?p=5060>>. Acesso em: 6 mar. 2025.

KILOMBA, G. **Plantation Memories. Episodes on Everyday Racism**. 2. ed. Münster: Unrast, 2010.

MEC. Reuni - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Disponível em: <<https://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acesso em: 8 mar. 2025.

MENEZES, M.; IRINEU, B. A. LGBTQIAPN+fobia familiar em registros oficiais: uma análise de dados no Estado de Sergipe anteriores à criminalização da homofobia no Brasil. **SER Social**, v. 26, n. 54, 30 jan. 2024.

MENGELLE, I.; VIEIRA, L. Shows, estrutura e open bar “top”: festas universitárias mudam e conquistam mais público em Ribeirão Preto, SP. **G1**, 20 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2022/09/20/shows-estrutura-e-open-bar-to-p-festas-universitarias-mudam-e-conquistam-mais-publico-em-ribeirao-preto-sp.ghtml>>. Acesso em: 8 mar. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fies. Disponível em: <<https://accessunico.mec.gov.br/fies>>. Acesso em: 8 mar. 2025a.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ProUni. Disponível em: <<https://accessunico.mec.gov.br/prouni>>. Acesso em: 8 mar. 2025b.

MOTTA, R. G.; CORÁ, M. A. J.; MOLA, I. C. DE F. A festa universitária como prática empreendedora: Economizadas em São Paulo. **Teoria e Prática em Administração**, v. 9, n. 2, p. 52–63, 28 jul. 2019.

NADER, M. C. D. G. et al. “Fazer a Festa” ou Produzir uma Festa? **Revista Gestão & Conexões**, v. 12, n. 3, p. 146–165, 6 out. 2023.

RIZEK, C. S. Políticas sociais e políticas de cultura: territórios e privatizações cruzadas. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 15, n. 2, p. 199, 30 nov. 2013.

SMIGAY, K. E. VON. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em revista**, v. 8, n. 11, p. 32–46, 2002.

SPONTON, Gabriel. Alunos da PUC gritam ofensas racistas para estudantes da USP em jogo. **SBT News**, 17 nov. 2024. Disponível em: <<https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/policia/alunos-da-puc-xingam-estudantes-negros-da-usp-com-ofensas-racistas>>. Acesso em: 8 mar. 2025.

TATE, S. A.; PAGE, D. Whiteness and institutional racism: hiding behind (un)conscious bias. **Ethics and Education**, v. 13, n. 1, p. 141–155, 2 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17449642.2018.1428718>>.

UFOP. Prace nomeia comissão para apurar acusação de racismo em festa de estudantes. Disponível em: <<https://ufop.br/noticias/institucional/prace-nomeia-comissao-para-apurar-acusacao-de-racismo-e-m-festa-de-estudantes>>. Acesso em: 8 mar. 2025.

VASCONCELOS, Caê; SALES, Yago. Estudante trans é agredida em festa e, ao fazer B.O., revistada e detida pela polícia de Goiás. **Ponte Jornalismo**, 5 fev. 2018. Disponível em: <<https://ponte.org/estudante-trans-e-agredida-em-festa-e-ao-fazer-b-o-revistada-e-detida-pela-policia-de-goias/>>. Acesso em: 8 mar. 2025.